



PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL

CARLA BAPTISTA
JORGE PEDRO SOUSA
(ORGANIZADORES)



LIVROS
ICNOVA

ic NOVA INSTITUTO
DE COMUNICAÇÃO
DA NOVA

PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL

Carla Baptista
Jorge Pedro Sousa
(Organizadores)

LIVROS ICNOVA

FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Para uma história do jornalismo em Portugal

AUTORES

Carla Baptista e Jorge Pedro Sousa (Organizadores)

EDIÇÃO

ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Universidade NOVA de Lisboa
Av. Berna, 26
1069-061 Lisboa – Portugal
www.icnova.fcsh.unl.pt icnova@fcsh.unl.pt

DIREÇÃO

Francisco Rui Cádima
Maria Lucília Marques
Cláudia Madeira

ISBN

978-989-54285-9-5 (Digital)
978-989-54285-8-8 (Impresso)

DESIGN E PAGINAÇÃO

Modelo gráfico: José Domingues | UNDO
Paginação: Ana Gabriela Nogueira

DATA DE PUBLICAÇÃO

2020

APOIO

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

A edição deste livro é financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto PTDC/COM-JOR/28144/2017 – Para uma história do jornalismo em Portugal.



O conteúdo desta obra está protegido por Lei. Qualquer forma de reprodução, distribuição, comunicação pública ou transformação da totalidade ou de parte desta obra carece de expressa autorização do editor e dos seus autores. Os artigos, bem como a autorização de publicação das imagens, são da exclusiva responsabilidade dos autores.

PARA UMA HISTÓRIA DO JORNALISMO EM PORTUGAL

Carla Baptista
Jorge Pedro Sousa
(Organizadores)

LIVROS ICNOVA

BOLSONARO E HADDAD NOS PERFIS JORNALÍSTICOS DO *EXPRESSO* E DO *PÚBLICO*¹

ANABELA DE SOUSA LOPES

Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL)

alopes@escs.ipl.pt

JÚLIA LEITÃO DE BARROS

Escola Superior de Comunicação Social (ESCS/IPL)

jbarros@escs.ipl.pt

Resumo

Colocar problemas e obter respostas sobre a actualidade - valorizando a dimensão temporal de forma a tornar o imediato mais compreensível - é tarefa partilhada entre o Jornalismo e a História do tempo Presente.

A nossa análise insere-se neste território híbrido que valoriza a compreensão da actualidade pela inscrição no tempo de factos, personagens ou instituições. Não sendo uma análise sobre a história da imprensa, elabora-se em torno da estreita relação entre a história e o jornalismo. Opta-se aqui pela abordagem dos perfis jornalísticos de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, os dois principais candidatos às eleições presidenciais do Brasil, em 2018. Analisa-se o período de 1 de

¹ Artigo resultante da investigação realizada no âmbito do projecto de investigação apoiado pelo IPL - Instituto Politécnico de Lisboa, do concurso para financiamento de Projectos de Investigação, Desenvolvimento, Inovação e Criação Artística- IDI&CA – IPL/2018/RPLMP-TBP/ESCS

Agosto, início da primeira campanha eleitoral, até 4 de Novembro (uma semana após as eleições), nos jornais portugueses Expresso e Público (ambos em publicação impressa e *on-line*).

A análise dos perfis de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro aponta para um limitado investimento jornalístico nos dois jornais de referência estudados. O Público escolheu apresentar o perfil de Fernando Haddad, ainda antes do início da campanha eleitoral, para a primeira volta das eleições, já o Expresso optou pelo perfil de Bolsonaro, no contexto da segunda volta das eleições presidenciais. Os dois jornais utilizaram fontes indirectas, sem recurso a entrevista aos perfilados, ou outros depoimentos individuais. É ainda notória a ausência de dados relevantes sobre o percurso político dos candidatos. No Expresso e no Público coube aos artigos de opinião colmatar algumas lacunas, por via de adjectivações e informações dispersas sobre a vida dos dois candidatos. Por último, em ambos os jornais não houve um investimento diferente e/ou mais expressivo do que nas respectivas versões impressas. Isto é, a linguagem multimédia esteve praticamente ausente.

Palavras-chave

Perfil jornalístico; Imprensa portuguesa; Política; Eleições; Brasil

INTRODUÇÃO

Para a análise dos perfis jornalísticos de Jair Bolsonaro e Fernando Haddad, nos jornais portugueses Expresso (semanário com edição *on-line* diária) e Público (diário), partimos de uma primeira constatação de que estava aberta a possibilidade de uma mudança de ciclo político no Brasil, um país, lembremos, que é considerado uma potência regional do continente sul-americano, e com o qual Portugal mantém relações de proximidade cultural, económica e política. Estas eleições presidenciais que resultaram na vitória, à segunda volta, do candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro, foram acompanhadas, até ao apuramento dos resultados finais, por grande expectativa. Na imprensa internacional de referência gerou-se um consenso em torno da possibilidade de estarmos perante o fim de uma era de democracia no Brasil. Portugal não foi excepção.

Numa corrida eleitoral que contou com treze candidatos, o maior número desde 1989, parecia espelhar-se, apenas, uma forte fragmentação do sistema partidário brasileiro; no entanto, o contexto político revelar-se-ia bem mais complexo e fortemente polarizado.

Em grande medida, devido a um suceder de incidentes políticos, nos últimos quatro anos: a vida política brasileira fora marcada por casos de corrupção, como a mega-operação Lava-Jato, envolvendo figuras destacadas da oposição e do partido do governo, o Partido dos Trabalhadores (PT), desde 2001 no poder; a controversa destituição/impeachment, pelo Senado, da Presidente da República, Dilma Rousseff, em Agosto de 2016, interrompendo o seu segundo mandato (substituída no cargo pelo seu vice-presidente Michel Temer); e sobretudo a prisão do líder histórico do PT, o ex-presidente Lula da Silva, em Abril de 2018, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro (envolvendo o triplex Guarujá). Este manter-se-ia como putativo candidato às eleições presidenciais de Outubro, até 12 de Setembro de 2018. Só nessa data, e com a campanha para a primeira volta já a decorrer desde 16 de Agosto, o PT oficializou o seu candidato: Fernando Haddad.

A campanha eleitoral para a presidência arrancou num quadro de grande indefinição devido à estratégia adoptada pelo PT de esgotar todos os recursos judiciais, no sentido de apresentar Lula da Silva como candidato. Mas logo no início de Setembro, a 7, um atentado ao candidato da extrema-direita, Jair Bolsonaro, abriu um novo capítulo na campanha, encrespando o ambiente político. Em simultâneo, os órgãos de comunicação social brasileiros e internacionais são surpreendidos com a importância crescente das redes sociais, em particular do *whatsapp*, na definição dos contornos do debate público. A forte competição política foi acompanhada pela circulação de *fake news* nas redes sociais e, mais grave, pela desvalorização por Jair Bolsonaro das regras do jogo democrático, ao escusar-se a participar nos debates televisivos com outros candidatos, a partir do momento em que sofreu o atentado.

Nas eleições gerais marcadas para 7 de Outubro, os brasileiros votaram para eleger, simultaneamente, os governadores e seus vices, de 13 estados; os senadores; os deputados federais e estaduais; o novo presidente da república, e o seu vice-presidente. Nenhum dos candidatos presidenciais obteve mais de 50% dos votos, o que levou Jair Bolsonaro (que obtivera 46% dos votos) e Fernando Haddad (com 29% dos votos)

a nova corrida eleitoral.

No rescaldo das eleições de 7 de Outubro constatava-se uma profunda renovação político-partidária. No Senado só 8 lugares, dos 54, foram ocupados por candidatos reeleitos. O partido Social Liberal (PSL), de Bolsonaro, passara de 1 deputado, em 2014, para 52, tornando-se a segunda maior bancada da Câmara dos Deputados.

Até ao novo acto eleitoral de 28 de Outubro, que daria a vitória a Bolsonaro (com 55, 15%,) sobre Fernando Haddad (44,87%), a imprensa internacional acompanhou com inquietação a campanha (New York Times, The Guardian, El País, Le Monde, etc.).

No que diz respeito à realidade portuguesa, optámos por dois jornais de referência - Expresso e Público -, com a expectativa de que o género jornalístico em causa marcasse presença, pelo trabalho prévio que requer, nomeadamente entrevistas ao próprio e a outros indivíduos próximos, pesquisa prévia sobre a dimensão biográfica do perfilado, acções que são um traço distintivo de um jornalismo rigoroso e que investe na preparação das suas peças pelo seu corpo redactorial.

Para além disso, a escolha da análise do género jornalístico do perfil deveu-se à importância que assume num regime presidencialista a individualidade de quem o dirige, uma vez que o chefe de Estado acumula a chefia do governo.

Tendo em conta o conturbado contexto político das eleições de Outubro de 2018 e a ligação de Portugal ao Brasil, tivemos como objectivo aferir se o perfil jornalístico foi, de facto, um género jornalístico em que os dois jornais portugueses apostaram para dar a conhecer as duas personalidades em disputa: Jair Bolsonaro e Fernando Haddad.

MARCO TEÓRICO E ESTADO DA QUESTÃO

Em 1993, o historiador António Reis chamava já a atenção: “os jornalistas e os historiadores parecem correr o risco de entrarem numa rota de colisão” (Reis, 1993: 135). Chegando o mesmo autor a interrogar-se: “Estarão, pois, jornalistas e historiadores condenados a disputar o mesmo terreno numa situação estranhamente concorrencial?” (*idem*: 136).

Para Reis, era certo que jornalistas e historiadores se distinguiam pelos

métodos de trabalho, linguagem e estilo discurso, embora pudessem partilhar das mesmas interrogações, de idêntica procura de indícios significativos e, até, de igual postura no que toca à procura de isenção e rigor demonstrativo.

Em grande medida esta reflexão resultava da crescente importância da História do Tempo Presente, e do abandono progressivo, por parte dos historiadores, do famoso “deserto dos trinta anos”. Rui Bebiano, um dos seus impulsionadores em Portugal, salienta que aquilo que distingue a análise do historiador do presente é, antes de mais, a forma como “lida com o tempo e inscreve a operação historiográfica na duração”, procedendo “a constantes imobilizações” (Bebiano, 2003:5). No entanto, algumas práticas do jornalismo de investigação, interpretativo e explicativo, de maior fôlego, cruzam-se com as abordagens dos historiadores do tempo presente: pela dimensão temporal que integram, por não prescindirem do contraditório, pela ênfase na contextualização com recurso a múltiplas fontes disponíveis (estatísticas, relatórios, meios de comunicação massa, etc.) e, em particular, pelo recurso a fontes orais.

Mais recentemente, a temática ganhou novos contornos, com o surgimento do ciberjornalismo, pelo conjunto vasto de expectativas depositadas nas potencialidades dos novos jornais *on-line*, desde logo por permitirem perspectivar a possibilidade de um jornalismo mais contextualizado (Pavlik, 2001). No ambiente mediático marcado pela convergência, a interactividade, a hipertextualidade e a imersividade, previu-se um novo lugar para a Personalização e para a Memória.

Hélder Bastos fez o balanço sobre as práticas do ciberjornalismo em Portugal, entre 1995 e 2015, realçando como se depositaram inúmeras esperanças num jornalismo “melhor”, reabilitado por novos formatos, que o tempo revelaria de difícil concretização. No seu estudo o autor concluiria: “Em vez de encararem a Web como um novo meio para desenvolver novas formas narrativas, as empresas jornalísticas tradicionais viram-na sobretudo como uma nova ferramenta para distribuir conteúdos, produzidos originalmente para outros formatos” (Bastos, 2015:13).

Na mesma linha, o que aqui pretendemos foi estudar como dois jornais de referência, o Expresso e o Público, na versão impressa e *on-line* de cada um, trataram os perfis dos candidatos à Presidência da República do Brasil, na primeira e na segunda volta, em Outubro de 2018.

O perfil como género jornalístico não tem, em Portugal, merecido especial atenção nas investigações académicas sobre o jornalismo. Este facto dever-se-á, em grande medida, à importância que lhe é conferida no elenco dos géneros jornalísticos de diferentes autores. Para Fontcuberta, apesar de existirem diferenças e muitas subdivisões, “a verdade é que os géneros jornalísticos são fundamentalmente quatro: notícia, reportagem, crónica e artigo ou comentário” (Fontcuberta,1999:81). Este género jornalístico, quando é referido, surge com uma breve definição (Rebello, 2000:118), ou no contexto de orientações para a prática jornalística, como a construção de títulos de acordo com cada género jornalístico (Ricardo,2003:135). No entanto, a reflexão e o estudo aprofundado do perfil na sua dimensão de *praxis* -, mas também, e especialmente, enquanto unidade narrativa complexa – estão bem presentes em trabalhos de Mário Mesquita, dos quais destacamos o artigo “A personagem jornalística – da narratologia à deontologia”. Nele, o autor afirma:

A personagem jornalística é um elemento estruturante, não só da narrativa mediática, mas também do próprio sistema político. Apesar das utopias racionalistas de um «espaço público» organizado apenas em termos de opções temáticas e programáticas, os sistemas democráticos pressupõem, desde a sua génese, opções eleitorais e ratificações carismáticas efectuadas com base no «carácter» das pessoas que desempenham ou são candidatas a desempenhar cargos públicos. (Mesquita, 2003:137).

É precisamente em torno deste ponto que a nossa análise sobre os perfis de Bolsonaro e Haddad se desenvolve, considerando, ainda, que “o cidadão comum, normalmente, apenas acede às «grandes figuras» da política ou do espectáculo através dos fragmentos de biografia que delas nos veicula o jornalismo” (Mesquita, 2003:133).

METODOLOGIA

Como referimos, optámos pela abordagem dos perfis jornalísticos de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro, os dois principais candidatos às eleições presidenciais no Brasil. Analisámos o período de 1 de Agosto a 4 de Novembro, em dois jornais portugueses, o Expresso e o Público

(publicação impressa e *online*).

Tratando-se de dois jornais de referência era expectável que o perfil fosse um género jornalístico presente nas duas publicações, pelo trabalho prévio que requer, nomeadamente entrevistas ao próprio e a outros indivíduos próximos, pesquisa prévia sobre a dimensão biográfica do perfilado, acções que são um traço distintivo de um jornalismo rigoroso e que investe na preparação das suas peças pelo seu corpo redactorial.

Para a análise dos perfis de Fernando Haddad e Jair Bolsonaro tivemos em conta que “na construção da personagem convergem «dados curriculares» (a certidão do nascimento, o diploma universitário, etc.), testemunhos de pessoas, estereótipos difundidos num determinado meio social, a observação e interpretação do biografado, nos seus gestos, comportamentos e obras, efectuada pelo jornalista” (Mesquita, 2003:140).

Assim, procurámos aferir:

- (i) qual o aspecto mais destacado – político, familiar, ou outro;
- (ii) quais as vozes convocadas para se pronunciarem sobre o perfilado – e o que isso revela sobre a intencionalidade do perfil;
- (iii) o modo de inserção da dimensão socio-temporal na trajectória política do biografado;
- (iv) diferenças e semelhanças na abordagem dos perfis destes candidatos nos dois momentos eleitorais;
- (v) qual o investimento do *online* na apresentação dos perfis - e eventual reforço da dimensão temporal na abordagem jornalística -, considerando as suas potencialidades e especificidades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O semanário Expresso publicou dois perfis sobre Jair Bolsonaro: um no dia 23 de Julho de 2018 e outro a 22 de Setembro do mesmo ano. O primeiro, de Luís M. Faria, teve como título “O apologista da tortura e dos assassinatos extrajudiciais que quer ser presidente do Brasil”. Apenas dois parágrafos têm informação específica de perfil jornalístico: idade, formação académica, situação profissional. A peça apresenta

considerações sobre a situação política do Brasil, mais do que sobre a personagem apresentada em título, estabelecendo comparações entre Jair Bolsonaro e Donald Trump. A versão *on-line* é igual, sem recurso a *hiperlinks* ou vídeo, tratando-se apenas de dar ao leitor a mesma peça, em suporte digital.

A título de exemplo do tom utilizado neste perfil, mas comum a outras peças em que Bolsonaro era nomeado, destacamos este excerto:

misógino, homofóbico e racista (com um forte preconceito contra as populações indígenas do seu país, que vê como um obstáculo ao progresso), a favor da tortura e de assassinatos extrajudiciais, apologista de um regime que praticou liberalmente ambos esses crimes, bem como muitos outros. Comparado com ele, Trump, apesar de todas as suas afirmações bombásticas, quase pode passar por pacifista. (Luís M. Faria, Expresso, 23 de Julho de 2018).

O último parágrafo da peça aponta para a probabilidade da sua eleição:

Há muito, muito mais no seu cadastro, onde constam dezenas de processos, a começar pelos disciplinares (quando estava no Exército tornou-se notado pela sua irracionalidade agressiva, chegando a estar preso). Em tribunal, as condenações são três - por danos morais e incitamento ao crime, entre outras coisas. Podiam ser muitas mais. Nada que o impeça de avançar em direcção à presidência. (Luís M. Faria, Expresso, 23 de Julho de 2018).

O perfil publicado a 22 de Setembro, intitulado “Bolsonaro – retrato do político enquanto jovem”, com seis páginas, foca-se essencialmente no período da juventude do candidato. A autoria é de Bruno Abbud e Cleide Carvalho, da revista brasileira *Época*, na qual o título era: “Como foram os anos de formação de Bolsonaro em Eldorado-Xiririca, no interior de São Paulo”. Os jornalistas brasileiros tecem uma narrativa que articula informação proveniente de pesquisa documental, com excertos de entrevistas realizadas a familiares, vizinhos e conhecidos de Bolsonaro. São destacados episódios da sua juventude e do seu primeiro casamento, que traçam o perfil psicológico do actual presidente do Brasil. Mais uma vez, a versão *on-line* é exactamente igual à impressa. Neste segundo perfil não houve, portanto, investimento por parte do corpo redactorial do Expresso na elaboração da peça sobre Bolsonaro.

Excerto ilustrativo da presença das ‘vozes’ de conterrâneos de Bolsonaro:

Narcisa dos Santos repete o mantra quando a pergunta é sobre a família Bolsonaro: “Eles são donos tudo dessas lojarada aí (sic)”. Francisco Borges, primeiro-sargento aposentado da PM que também conviveu com Bolsonaro, deu corda ao assunto. “Aqui ele não vai ter voto nenhum”, disse, ao reclamar da situação da estrada, esburacada, e da saúde da região. Para ele, Eduardo, o filho de Bolsonaro deputado por São Paulo, poderia ter implementado melhorias na cidade. “Fazer, ele fez”, disse Borges, em referência ao Bolsonaro pai. “Muitas lojas, muitas casas. Jair Bolsonaro tem tudo aqui, tudo é dele. Fora as outras cidades por aí.” De interioranos pobres, disse Francisco, os Bolsonaros se transformaram em comerciantes ricos.

Uma das vertentes mais aprofundadas – o primeiro casamento de Bolsonaro – contou com o depoimento da sua ex-mulher, Ana Cristina Valle:

Bolsonaro deixou Eldorado na metade dos anos 1970, ingressou na Academia Militar das Agulhas Negras, em Resende, depois na Câmara Municipal do Rio de Janeiro e chegou a Brasília, como deputado federal, em 1991. Foi lá, na Quadra 103 Norte, que conheceu a segunda ex-mulher, Ana Cristina Valle. Ambos se apaixonaram enquanto eram casados — ele com Rogéria Nantes Nunes Braga, a mãe de seus três filhos; ela com um coronel da reserva do Exército.

(...)

Quando o casal se separou, em 2008 — algo que “foi muito doído e ainda é”, segundo ela —, Ana Cristina levou o filho, Jair Renan, para a Noruega, onde viveu por cinco anos. Bolsonaro entrou na Justiça para reaver a guarda do menino. “Ele não permitiu a ida do meu filho para a Noruega, seria bom para ele”, contou a ex-mulher. De volta ao Brasil, ela se prepara para concorrer, a convite do senador Romário, a uma vaga de deputada federal em outubro, pelo Podemos. O nome nas urnas será Cris Bolsonaro.

(...)

Bolsonaro também não quis que o nome do filho fosse escolhido pela mãe. “Eu queria só Renan”, conta Ana Cristina. “Fui lá e botei Renan. Ele voltou e modificou”. Típico mandachuva de Xiririca.”

Mais do que apostar neste género jornalístico, o Expresso apresentou

uma pulverização de marcas de perfil de Haddad e Bolsonaro – história de vida, personalidade, ideologia política – em notícias e artigos de opinião sobre a situação política brasileira.

Este destaque dado a Bolsonaro, sempre em tom crítico, é acompanhado de uma presença pouco expressiva de Haddad (sem peça de perfil), nos artigos de opinião. As peças com referência aos dois candidatos foram 12 na versão impressa e 17 no *on-line*. Neste, actualiza-se informação sobre intenções de voto e resultados eleitorais – a diferença entre versão impressa e *on-line* não recai no perfil.

Quanto ao jornal Público, a importância conferida às eleições presidenciais é visível pela presença de dois correspondentes no Brasil: Clara Barata, desde 30 de Agosto, e João Ruela Ribeiro, em Outubro. No entanto, ambos privilegiaram a reportagem de rua e a entrevista. O único perfil presente neste jornal recaiu em Fernando Haddad, foi escrito em Lisboa, pelo jornalista Manuel Louro, não incluiu qualquer depoimento ou informação original, recorrendo a fontes limitadas e indirectas, artigos dos jornais Estado de São Paulo e El País e informações do Huffington Post Brasil.

O perfil de Haddad surge na edição impressa e *on-line*, de 12 de Agosto, ou seja, antes do início da campanha eleitoral, sete dias depois do PT ter apontado Fernando Haddad para vice-presidente de Lula, antecipando a sua confirmação como candidato. O perfil desenrola-se em torno de três focos temáticos: origem familiar; percurso académico e actividade política. O aprofundamento destes seria, porém, desigual. Sobre o primeiro enfatiza-se a influência da figura do seu avô, sacerdote da igreja ortodoxa. Bem mais desenvolvida é a sua formação e actividade académica: licenciado em Direito, mestre em Economia, doutorado em Filosofia; professor de Ciência Política na Universidade de São Paulo. Esta vertente biográfica constituiria o traço definidor do candidato: “Num período em que a ditadura militar tremia, o paulista começou a mergulhar nas teorias de Karl Marx. Aí começou a formar o perfil de grande carga intelectual e reflexão que ainda hoje o caracteriza“. Não por acaso seria esta a característica pessoal de Haddad que viria destacada no título do perfil: “Haddad o Intelectual que vem para substituir o Sindicalista Lula”. Este aspecto será aprofundado sem faltarem referências ao marxismo crítico presente nas suas obras e depoimentos: “Pensador do marxismo, Haddad situou-se desde cedo como crítico do estalinismo

e do trotskismo, publicando alguns livros sobre o tema, como *O Sistema Soviético e a Sua Decadência*, de 1992”.

A ênfase na sua actividade intelectual contrasta com o aprofundamento do terceiro foco, que recai sobre a sua actividade política, referindo, sem desenvolver, a militância Política no PT, desde 1983; alguns cargos ocupados, como, por exemplo, o de chefe de gabinete da Secretaria de Finanças e Desenvolvimento Económico na prefeitura de São Paulo (2001); de secretário do Ministério da Educação e Ministro da Educação (2005). No entanto, nesta vertente biográfica o jornalista realça o polémico desempenho de Haddad como prefeito de São Paulo (2012), dando conta de “ambiciosos projectos relativos à mobilidade e urbanismo da cidade”, apontando uma popularidade com “altos e baixos”, mas não deixando de esmiuçar que, em 2015, “44% dos paulistanos avaliavam a sua administração como má ou péssima”. Torna-se então claro o sentido do subtítulo do perfil que destaca: “Fernando Haddad, ex-prefeito de São Paulo, foi o escolhido para substituir o antigo Presidente brasileiro”.

O jornalista avança ainda com informação sobre o envolvimento do candidato em processos de corrupção: em Maio foi “formalmente acusado de utilizar um saco azul (no Brasil conhecido como “caixa 2”) para a campanha de 2012, em São Paulo”, e, em Julho, “o Ministério Público Eleitoral pediu o pagamento de 2,6 milhões de reais por reparação de danos para encerrar o processo”. Destacando que Haddad enfrenta algumas dificuldades políticas, afirma: terá uma “árdua tarefa nas eleições, já que fundamentalmente é conhecido em São Paulo”; “Haddad terá de utilizar o tempo de campanha para se dar a conhecer ao resto do país”.

Difícil é compreender o pouco relevo dado à sua prestação como Ministro da Educação, durante sete anos (2004-2012), uma das pastas mais elogiadas da gestão do PT, numa área fundamental num país com elevadas taxas de analfabetismo. A sua experiência política ministerial foi marcada entre outros aspectos pela expansão do ensino e pela implementação de vários programas (Programa Caminho Escola, Programa Universidade para Todos, etc.).

Será um artigo de opinião que nos dará informação sobre a prestação de Haddad como Ministro da Educação responsável pela expansão do ensino superior e das universidades federais (Rui Tavares, Público, 3 de Setembro).

Convém realçar que apesar de esta ser a única peça de perfil presente no Público, surgem numerosas marcas de perfil em artigos de opinião, quer sejam crónicas, análises ou editoriais sobre os dois candidatos, destacando-se aqui as referências a Jair Bolsonaro (14 artigos). A título de exemplo leiam-se os seguintes excertos:

Os factos não são relevantes. O importante, neste contexto, é o clima de histeria em torno de um candidato que promete ódio. Que prega sobre a defesa dos valores da família tradicional, mas que vai no terceiro casamento, e que tem um filho ilegítimo, ou que ameaçou de morte uma das esposas (...) Ou, por exemplo, que defende o combate à corrupção, mas que esteve envolvido num esquema de subornos. Em nada adianta mencionar que Bolsonaro se orgulha de gastar o erário público com viagens e uma vida de luxo. Não adianta mencionar que numa carreira política de quase 30 anos, as únicas propostas de lei que votou a favor foram as que beneficiavam os deputados, como aumentos de salários e verbas para despesas. Para a saúde ou educação o seu voto foi sempre negativo. (João Ferreira Dias, Público, 5 de Outubro).

Ex-capitão com uma passagem controversa pelas Forças Armadas (...).O desmatamento da Amazônia já foi prometido, e as reservas indígenas seriam extintas, assim como os antigos quilombos (...). Fez carreira militar durante a ditadura, acusando a tropa de ter torturado muito e matado pouco. Afirmou que Fernando Henrique Cardoso devia ter sido fuzilado. (Pedro Sousa, Público, 29 de Outubro).

Convém referir que no Público, num artigo do P2, de 21 de Outubro, sob o título “Se um conquista muita gente, quatro conquistam muito mais”, da autoria de Manuel Louro, surge uma peça jornalística que, embora não seja um perfil de Bolsonaro, ajuda ao seu enquadramento político e familiar. Este artigo recai sobre a actividade política dos três filhos de Bolsonaro (Flávio, Carlos e Eduardo).

Por último, saliente-se que a edição *on-line* do Público apenas se distinguiu por apresentar um pequeno vídeo, de dois minutos e meio, onde, ao som do samba, se contrapõem os dois candidatos, com fotos legendadas, intercaladas com depoimentos. Nele, os leitores acedem a informação genérica: nome, idade, cidade natal, filiação parental, filiação partidária, formação, cargos políticos, realçando-se as polémicas

declarações racistas, homofóbicas de Bolsonaro. Quanto a Haddad, o realce é dado, uma vez mais, à contestação às medidas relativas aos transportes públicos na cidade de São Paulo, quando este era prefeito, bem como à recente ligação de Haddad a dois casos de corrupção. Os *hiperlinks* foram utilizados apenas nos editoriais e nas peças de análise, remetendo para reportagens e artigos de opinião. A título de exemplo, no dia 7 Outubro, em editorial de Manuel de Carvalho, entre outras destaca-se a expressão “eleger um ditador”, que remete para um artigo de opinião de João Miguel Tavares.

A justificar o número reduzido de perfis nos dois jornais, podemos alvitrar a hipótese de a cobertura das eleições brasileiras ter coincidido com outros temas de interesse da actualidade internacional, como o incêndio do Museu Nacional do Brasil, no Rio de Janeiro, ou, a nível nacional, o desenrolar do Caso de Tancos, a tomada de posse da nova Procuradora Geral da República e a aprovação do Orçamento Geral do Estado.

Nem o início da campanha, nem o atentado a Bolsonaro, nem mesmo o resultado da primeira volta suscitaram o aprofundamento do perfil de Haddad, no Público (que não publicou um perfil de Bolsonaro), ou no Expresso.

CONCLUSÕES

Como constatámos, no que diz respeito ao perfil jornalístico, o Público escolheu Haddad e o Expresso destacou Bolsonaro. Em ambos os casos, foram utilizadas fontes indirectas (sem entrevista aos perfilados), adjectivações e informações sobre o percurso de vida de cada um, disseminadas em artigos de opinião, maioritariamente. Registou-se, ainda, uma ausência de dados relevantes sobre medidas políticas de ambos.

Haddad é descrito como intelectual, académico, urbano e da esquerda moderada. Sobre Bolsonaro, destacam-se as suas polémicas declarações racistas e homofóbicas. Nas duas publicações, ficámos a conhecer, sobre Haddad e Bolsonaro, os aspectos elementares que constituem um perfil: nome, idade, cidade natal, filiação parental, filiação partidária, formação, cargos políticos. Nenhum dos jornais apresentou qualquer trabalho

original de contextualização, análise e interpretação das trajetórias dos candidatos na vida política e social brasileira.

No *on-line* do Público e do Expresso não houve um investimento diferente e/ou mais expressivo do que nas respectivas versões impressas. “O «perfil» ou o «retrato» envolve uma dimensão de pesquisa e inquérito, potenciada pelas novas tecnologias da informação” (Mesquita, 139), e, para além disso, pode ganhar profundidade no *on-line* se forem utilizadas as suas potencialidades. No estudo em causa, tal não se verificou.

A linguagem multimédia, praticamente ausente, teria sido útil para o aprofundamento de aspectos relevantes dos perfis de Bolsonaro e Haddad.

Ainda que possamos afirmar que as principais informações sobre os candidatos foram dadas e que outros géneros jornalísticos disponibilizavam conteúdos que poderíamos encontrar em perfis jornalísticos, fica-nos uma inquietação sobre o que poderá significar a quase ausência do perfil nos jornais de referência analisados e, igualmente, a não utilização das ferramentas do *on-line*, como se se tratasse, meramente, de um outro suporte de apresentação das peças publicadas na versão impressa.

Hélder Bastos partilhará dessa inquietação ao falar das distopias que ameaçam o ciberjornalismo – e o jornalismo em geral –, como a pressão do *deadline* contínuo, o sedentarismo, a ausência de fontes próprias e de investigação. “Em conjunto, estas distopias poderão vir a ser sinónimo de um jornalismo na rede mais pobre, superficial, supérfluo, inofensivo para os poderes estabelecidos, irrelevante no contexto da democracia e do debate público” (Bastos, 2015:16).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bastos, H. (2015). Das utopias à realidade: Um olhar sobre duas décadas de ciberjornalismo. *Estudos de Jornalismo, Ciberjornalismo: 20: anos made in Portugal*. Setembro, nº4, 9-18.
- Bebiano, R. (2003). *Temas e problemas da história do presente*. Disponível em: <http://www.uc.pt/pessoal/rbebiano/docs/estudos/hrecente.pdf>. Consultado a 3 de Fevereiro de 2014.
- Fontcuberta, M. (1999). *A Notícia – Pistas para compreender o mundo*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Lopes, A.S. e Mata, M.J. (2005). O Lugar da Personagem nos Géneros de Opinião: «Carlos Cruz» no discurso jornalístico sobre o EURO 2004 e o Processo Casa Pia. *Caleidoscópio: Revista De Comunicação e Cultura*, 0 (5/6).

- Mesquita, M. (2003). *O Quarto Equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Edições Minerva Coimbra.
- Pavlik, J.V. (2001). *Journalism and New Media*. New York: Columbia University Press.
- Rebelo, J. (2000). *O Discurso do Jornal – O como e o porquê*. Lisboa: Editorial Notícias.
- Reis, A. (1993). O jornalista e o Historiador: Aproximações e Diferenças. *Penélope, Fazer e Desfazer a História*, 12, 135-142.
- Ricardo, D. (2003). *Ainda bem que me pergunta – Manual de escrita jornalística*. Lisboa: Editorial Notícias.